



Joana Villaverde* | 41 anos | Artes Plásticas

Página

17

bolseiros gulbenkian

A estadia em Nova Iorque mudou a minha maneira de olhar o tempo

De que modo a residência que realizou em Nova Iorque foi importante para a sua carreira? Nunca pensei o meu trabalho em termos de carreira, pensei-o em termos de coerência. É o que tenho para dar, o que sei e o que tenho que fazer. A carreira existe colada a isso, nunca dissociada. A minha estadia por cinco meses na residência artística Location One deixou marcas, sobretudo no trabalho presente e na maneira como me entrego a ele. Fez-me crescer e não foi pouco.

O trabalho que lá desenvolveu subvertia a escala, remetendo para um espaço que sufocava. Pode falar um pouco disso?

Nova Iorque é, como se sabe, uma cidade grande em todas as suas dimensões, incluindo a artística e humana. Sente-se uma liberdade no estar e no ser, nos trabalhos que se veem, na arquitetura, na oferta cultural. A minha exposição no final da residência chamava-se *You took fromme all the air so I can breathe* (título roubado a uma canção brasileira:

Página

19

“Você me tirou todo o ar para que eu pudesse respirar”). Talvez quisesse dizer que a cidade, a experiência, me estava a oferecer ar para pensar, criar e ser feliz! O meu ateliê era um espaço pequeno, o oposto da cidade. Trabalhei esse erro de escala, viver numa enorme cidade, trabalhar num espaço curto. Trabalhei uma tela de três metros de largura (toda a largura do meu ateliê) por dois metros de altura (pouco menos que o pé direito). Retratei aí uma cara enorme que vista de onde eu a via podia ser uma pintura abstrata, podia ser uma paisagem. Brinquei com isso e coleí uma silhueta de um homem de costas, como se contemplasse a paisagem, um ser pequeno sufocado por uma imensa mancha: uma cara, a cidade?

Essa preocupação mantém-se ou impõem-se outras linhas atualmente no seu trabalho?
De todo, nada. Essa preocupação desvaneceu-se (espero não voltar atrás). A minha estadia em Nova Iorque mudou a minha maneira de trabalhar. Sobretudo a minha maneira de olhar o tempo. Não há muito tempo, o tempo foge. Aprendi a não ter medo. A não ter medo de gastar material, não ter medo de usar materiais errados, não ter medo de rasgar, colar e voltar a rasgar. Não ter medo de errar. Já há muito tempo que procuro fugir ao tema recorrente do meu trabalho, quase sempre a minha própria identidade. Sair do meu umbigo era já uma vontade. A minha estadia em Nova Iorque veio acelerar esta decisão.

Em que projetos está atualmente envolvida?
Neste momento estou a trabalhar num projeto ambicioso, que creio irá durar muito tempo. É sobre a resistência. Ser artista hoje e resistir.
Nunca me atrevi a trabalhar questões políticas e não é isso que quero fazer. Porém, não posso deixar de pensar e viver com o meu tempo. Estamos a atravessar um momento de viragem, um momento histórico que não sabemos onde e como vai acabar.
O mundo parece-me de pernas para o ar. No início de 2012 fiz uma exposição a que dei o nome *De pernas para o ar/ Upside Down*. Foi um começo. O mundo não está a ser construído para as pessoas. Esquece-se o que são verdadeiramente as pessoas, seres que sonham, que acreditam, que sentem coisas. O querer ser feliz, querer ter sonhos não está a ser dado como um direito, mas como uma extravagância impossível de concretizar. Isso dá-me muito medo. E porque este tempo é global, estas questões passam-se em quase todo o mundo. Quero ir onde as coisas se passam às avessas há muito tempo. A minha pesquisa deslocou-se para o Médio Oriente, porque acredito que de lá sairei uma pessoa diferente, melhor, espero. Quero saber onde é que um artista que vive, desde que nasceu, num mundo em conflito (Palestina) vai buscar a sua força e o que é que o move. As preocupações são as



mesmas? Quase de certeza que não. E, como sempre, em todo o meu trabalho tentei ir a um gomo, um único ponto, para que possa traduzir as minhas preocupações na tela, no papel, na madeira, no que for, ainda não sei.

Como foi viver em nova Iorque?
Os primeiros dois meses em Nova Iorque são de deslumbramento, de febre, correr a cidade inteira a pé, conhecer cada canto, cada avenida, cada género, Uptown, Downtown, East e West Side. As diferenças de gente, de classes sociais e interesses de baixo para cima, do East River ao Hudson. Querer ir a todo o lado, estar presente em todas as ofertas da cidade. Depois de dois meses, acho que se cai na realidade e pensa-se: não consigo estar em todo o lado, é obrigatório fazer uma lista de prioridades. Apesar do tamanho das enormes avenidas, da quantidade de gente em todo o lado, dentro dos museus, das galerias, das salas de espetáculos, uma pessoa sente-se rapidamente parte da cidade. ■

* *Bolseira das Fundações Gulbenkian e Luso-Americana para o Desenvolvimento na residência Location One, Nova Iorque*